

Recortes de Imprensa

Abril 2017



Apoio:



ID: 68909229

30-03-2017

» DEZ A ZERO



8 Ainda à espera do Diabo

Contrariando as esperanças da direita, e as chantagens e previsões dos burocratas europeus, o défice orçamental do nosso país ficou nos 2,1% do PIB em 2016. Muito há ainda a fazer, mas não deixa de ser uma boa notícia. A não esquecer que este resultado é fruto de um enorme esforço dos portugueses e não de nenhum milagre como afirmou certa senhora que já tem idade para saber que em economia não há milagres.



7 A "Generala"

Finalmente, as Forças Armadas portuguesas têm uma mulher no curso para general. Trata-se da coronel Regina Maria de Jesus Ramos Mateus que entrou há 23 anos para a Força Aérea, onde dirigia o Centro de Medicina Aeronáutica antes de ir para o Instituto Universitário Militar. Um pequeno, mas importante, passo para a igualdade de género.



2 O Holandês idiota

Jeroen Dijsselbloem, presidente do Eurogrupo, resolveu insultar vários países do Sul da Europa. Segundo este idiota, os países do Sul gastam todo o dinheiro em álcool e mulheres e depois pedem ajuda financeira. Com tantos problemas a afligir a União Europeia, este complexo de superioridade dos países do "Norte" só vem dar mais força às forças fascistas que avançam por todo o continente. Quando ao idiota e aldrábrão holandês, se tivesse vergonha na cara, já teria pedido desculpa e feito as malas.



1 Trumpices

Trump assinou na passada terça-feira um decreto que revoga várias medidas de protecção ambiental e de combate às alterações climáticas. Para o louco que ocupa a Casa Branca, o aquecimento global é uma "farsa inventada pelos chineses" para prejudicar a economia norte-americana. Está aberto o caminho para a exploração selvagem de largas zonas protegidas dos EUA. Seria um problema dos americanos se não se estivessem a falar de ambiente. É que a porcaria que Trump se prepara para fazer afecta todo o Planeta.



0 Isto nunca mais acaba?

Mais uma vez temos de referir e condenar a selvajaria da violência doméstica em Portugal. Temos, todos, que começar a prevenir e combater de forma mais efectiva esta vergonha. Segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), todos os dias, em média, 14 mulheres, três idosos, duas crianças e dois homens são vítimas do crime de violência doméstica.

Seminário “Não à Violência”

FOTO: NELSON CORREIA

Teve lugar, na última quarta-feira, o Seminário ‘Não à violência’, dinamizado pela psicóloga Alexandra Pires. Este colóquio que decorreu, durante toda a manhã, no Auditório Claret do Santuário do Coração de Maria, nos Carvalhos, contou com a presença de várias personalidades, entre as quais Márcia Nogueira, da APAV, Sara Ramos, Diretora Geral do Olival Social, Ana Santos, presidente da CPCJ de V.N. de Gaia Sul e Marisa



Rodrigues, da RLIS, de Grijó.

Na sessão de abertura do evento, o presidente da junta de Pedroso e Seixezelo, Filipe Lopes, referiu

que por vezes “é preciso passar das intenções aos atos” e que é importante promoverem-se ações deste género “de sensibilização da comunidade local para este

tipo de questões”.

De acordo com o autarca, “esta é uma parceria que pode trazer ideias muito construtivas no combate a este flagelo”.



SÓ OS DISTRITOS DE PORTO, LISBOA E FARO, REGISTRARAM, O ANO PASSADO, MAIS QUEIXAS DESTE TIPO

Somos a quarta região do país com mais queixas de violência



Números da APAV a que o Semmais teve acesso revelam que o ano passado foram atendidas nesta instituição 651 pessoas do distrito com queixas de violência. E há mais variáveis a considerar.

TEXTO **ROBERTO DORES**
IMAGEM **SM**

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) atendeu um total de 651 pessoas em 2016, no distrito de Setúbal, que se queixaram de

terem sido vítimas de crime, colocando a região entre as quatro do país com mais participações, apenas atrás do Porto, Lisboa e e Faro.

Segundo dados divulgados esta semana pela APAV relativos ao ano passado, a região representa 7% das vítimas apoiadas em Portugal, sendo a maioria das queixas apresentadas por mulheres, seguindo-se idosos, crianças e jovens, de acordo com as estatísticas. Os homens exibem um número mais reduzido.

A esmagadora maioria das mulheres que se recorreram à APAV no distrito tinha entre os 25 e os 54 anos (mais de 40%) e viviam numa família nuclear com filhos (35%). Das vítimas que indicaram o seu estado civil, 28,6% eram casadas e 21,1% eram solteiras. Os dados apontam que mais de um terço pertencia a uma família nuclear com filhos e 11,5% a famílias monoparentais.

CRIME PASSIONAL CONTINUA A PREVALECEER

Apesar de cerca de 30% das vítimas estarem empregadas, há um número ainda significativo que se encontrava numa situação de desemprego (16%). No

que diz respeito à relação da vítima com o/a autor/a do crime, continuam a prevalecer as relações de cônjuge, companheiro, ex-cônjuge, ex-companheiro, ex-namorado e namorado/a, totalizando 59% do total dos casos. Relativamente à escolaridade, o ensino superior evidenciava-se (7,4%) face aos restantes graus de ensino conhecidos.

Dos níveis de escolaridade referenciados, destacam-se o ensino superior, o ensino secundário e o ensino básico de 3º ciclo, perfazendo um total de 16,7%.

Tal como no caso das vítimas, também o autor do crime se encontrava maioritariamente no estado civil de casado (29,6%), seguindo-se os solteiros (11,3%). Em mais de 30% das situações, estes encontravam-se empregados.

Há um ano registava um diminuição da violência entre casais e ex-casais no distrito de Setúbal, com uma variação de menos 3%, tendo as participações na GNR e PSP caído na região de 1133 para 1099, segundo o relatório de monitorização de violência doméstica do Ministério da Administração Interna. •



Maltratada há anos, quis ver se os pais também espancavam a irmã

Casal condenado a pena exemplar de cinco anos de cadeia efectiva por maltratar menina. Em 2016, o Instituto de Medicina Legal detectou, nas perícias que fez a menores, indícios de maus tratos perpetrados por pais e mães em 416 casos

Justiça
Ana Henriques

Entrar para a escola mudou a vida a Mónica, uma menina de seis anos demasiado magra, demasiado macilenta, demasiado apática para a idade. Logo no primeiro dia de aulas uma professora do bairro social Padre Cruz, em Lisboa, estranhou o apetite fora do comum da criança, que até a sopa repetiu. Mas foi só ao terceiro dia que uma funcionária lhe perguntou por que lhe custava a andar, após reparar que mal conseguia pôr os pés no chão. “Ó pá caí sem querer, não tenho nada”, ouviu à laia de resposta.

Só quando lhe levantou a cara viu as mazelas: nódoas negras na testa, as costas todas vermelhas, “com sangue espalhado”, peladas na cabeça escondidas pela forma como estava penteada. “Ó pá caí, já te disse, estúpida”, repetiu-lhe a criança, cada vez mais agressiva, até agarrar nos objectos que tinha à mão e atirar tudo ao chão. Apesar do calor daquele dia de Setembro de 2015 estava de *leggings*, camisola de manga curta e dois casacos abotoados, que não deixava tirar.

Quando os polícias da Escola Segura levaram Mónica (nome fictício) para o hospital os exames médicos revelaram um filme de terror que durava há quase quatro anos. Tinha equimoses por todo o corpo, de vários tons e texturas, consoante a altura em que haviam sido feitas. E se algumas eram de quedas que tinha dado, outras indicavam agressões. Como se tivessem batido com ela contra uma parede, observou uma técnica do gabinete de apoio ao aluno e à família da escola. Também tinha cortes nos pés. Apresentava um atraso global no desenvolvimento e a sua magreza excessiva e olhos encovados denunciavam as privações a que fora sujeita.

Havia de se descobrir que o cenário era ainda pior do que se podia imaginar. Enquanto morou com a mãe, então com 28 anos, e com o seu companheiro de 27, operário da recolha do lixo, Mónica vivia por

norma enclausurada de castigo no quarto, onde as persianas estavam sempre corridas por se terem estragado, com uma televisão que não funcionava e sem um único brinquedo. Os insultos eram uma constante. A mãe chamava-lhe “mijona, cagona e porca” e mandava-a para o quarto por não controlar os esfíncteres, ou por não querer comer. Não a deixava conviver com outras crianças.

Mais raparigas vítimas

Em 2016, o Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses detectou, nas perícias que fez a menores, indícios de maus tratos perpetrados por pais e mães em 416 casos, 56,3% dos quais sobre raparigas. O maior número de casos registou-se em vítimas entre os 14 e os 17 anos.

No Natal de 2014, Mónica ficou naquela divisão uma semana intei-

A menina havia de contar mais tarde a uma educadora social que chegava a ir para as escadas espreitar para ver se a mãe e o padrasto também batiam à meia-irmã. A vizinhança chegou a perguntar por que não vinha Mónica à rua. O cantoneiro respondia o mesmo que aos seus pais, avós emprestados da menina: que não era pai dela, quem mandava era a mãe.

Porém, a falta de parentesco não lhe serviu de nada há cerca de um mês, quando foi condenado no Campus da Justiça, em Lisboa, a cinco anos de prisão efectiva por violência doméstica, pena igual à aplicada à mãe de Mónica e a máxima permitida para punir este crime. Foi um julgamento emotivo: sentado no banco dos réus o padrasto chorou em todas as sessões, admitindo culpas, enquanto a progenitora se mantinha impassível e em silêncio.

A juíza explicou como, ao privarem Mónica de contactar com terceiros, nomeadamente familiares e outras crianças, bem como de alimentos e luz solar, os arguidos tinham sujeitado um ser inocente e desprotegido a um tratamento cruel e desumano. “Impediram-na de se desenvolver física e psicologicamente, visando criar permanente medo e um clima de terror”, descreve a sentença. Os arguidos terão de pagar dez mil euros à criança e o seu tratamento hospitalar.

Nem a desculpa do padrasto de que não andava bem, devido ao consumo de álcool e estupefacientes, convenceu a magistrada, que o acusou de ter agido com crueldade. Ficou provado em tribunal que lhe partiu uma colher de pau no corpo à pancada, e que a companheira reagiu a isso dizendo que ia buscar outra. “Não conheço nenhum outro caso em que tenha sido aplicada a pena máxima por maus tratos a crianças que configurem violência doméstica”, diz o procurador Noberto Martins, com vasta experiência quer em casos envolvendo família e menores quer na área do crime, que considera os cinco anos de cadeia um castigo “que não podia ser mais exemplar”.

“**Não conheço nenhum outro caso em que tenha sido aplicada a pena máxima por maus tratos a crianças que configurem violência doméstica**”

Noberto Martins
Procurador

ra. Não foi autorizada a descer à sala para abrir as prendas. O casal tinha tido uma filha, mais nova, cujo quarto encheria de brinquedos. A 28 de Dezembro permitiram que Mónica interrompesse o castigo para cantar os parabéns à meia-irmã, que fazia anos, mas mandaram-na regressar ao quarto às escuras, sem lhe darem sequer uma fatia do bolo de anos.





No Natal de 2014, ficou fechada uma semana no quarto. Não a deixaram abrir as prendas. Noutras alturas, foi para as escadas ver se também batiam à meia-irmã

ILUSTRAÇÃO: SIRILA LIND

“Os julgadores têm de levar em linha de conta não apenas as consequências do acto criminoso e o grau de culpa” de quem o praticou, explica, “como também a necessidade de dissuadir a prática de futuros crimes”. Esta pena “é um sinal dado à comunidade de que este tipo de crimes não são toleráveis”, observa.

Em Outubro de 2015, as duas irmãs foram internadas num centro de acolhimento temporário da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, local de onde saíram apenas há três meses, para irem morar, pelo menos meio ano, com os avós emprestados de Mónica, que são avós biológicos da meia-irmã. Por agora, entendeu-se que a criança estaria melhor com eles do que com o pai biológico, que mora ao pé do casal reformado, também no Bairro Padre Cruz.

Inscrita no 2.º ano de escolaridade mas ainda a recuperar matéria do 1.º, hoje Mónica é outra, asseguram os avós emprestados, enquanto mostram com orgulho fotos da menina no telemóvel. “Deixou de arrancar o cabelo e em três meses aumentou cinco quilos. Ontem ao jantar comeu oito salsichas”, contabiliza satisfeito o carteiro reformado. Sabiam dos castigos que a isolavam do resto do mundo e chegaram a queixar-se mais de uma vez às autoridades, mas nem um nem outro querem crer que o filho participou neles activamente. Acha a pena de cinco anos de cadeia, da qual o casal recorreu, pesada demais. “Ele é culpado porque consentiu, foi cúmplice da companhia”, aponta a avó, que se recorda de a progenitora poupar na água que dava à criança para ela não fazer chichi. “Se ninguém tivesse feito nada a menina morria”, admite. A menor continua a ser seguida por uma psicóloga. “Sofreu muito. Aquilo que sabemos e aquilo que não sabemos”, diz a idosa, com a voz sumida. “Às vezes pergunta-me: ‘Ó avó, achas que sou bonita?’”

Embora as queixas de violência sobre crianças e jovens sejam mais frequentes entre os 11 e os 17 anos, quando se fala de maus tratos continuados isso muda: um estudo da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, relativo a 2013-2015, indica os progenitores como os principais agressores dos menores e a duração da vitimação continuada é maior entre os dois e os seis anos.

autor@publico.pt

“Nunca pensei que ia ter uma mãe assim”

Ana Henriques

O que dissipou todas as dúvidas aos juízes do Tribunal da Relação de Lisboa foi o choro quase ininterrupto da criança, enquanto dizia: “Nunca pensei que ia ter uma mãe assim.”

Os pontapés e os insultos faziam parte da forma habitual de esta progenitora, economista de profissão mas sem emprego, se relacionar com a filha. A menina ainda nem quatro anos tinha quando começaram os maus tratos. E apesar de a vizinhança ter garantido em tribunal nunca ter ouvido nada, tanto o pai como a empregada doméstica asseguram ter presenciado muito daquilo que se queixava a criança, hoje com 12 anos e a morar com o progenitor.

Chamava-lhe “porca, estafermo, nojenta, cabra”, contou a menor quando prestou ao tribunal declarações para memória futura. E “puta” também. Num depoimento que demorou meia hora, quase sempre a chorar, a menor, na altura com nove anos, relatou como tinha sido pontapeada ou agredida de outras formas por “coisas insignificantes”. Por vezes batia-lhe na nuca, na cabeça, nas costas, na cara, e desferia-lhe palmadas no rabo, descreveu. Até num corredor de hotel a mãe lhe chegou a dar pontapés. Noutra vez ameaçou esmagar-lhe a cabeça contra a parede. E interná-la num colégio. O pai da criança também levava por tabela: segundo a menina, a mulher ameaçava bater-lhe e pô-lo fora de casa.

Acabou de facto por se ir embora, mas pelo seu próprio pé, e levando consigo as duas filhas do casal, esta e outra mais pequena. Tinham passado seis anos desde que haviam começado os maus tratos, dos quais o pai acabou por dar conta à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens. As menores, porém, nunca foram ouvidas pela comissão, perante a qual a mãe reconheceu que gritava com a menina e por vezes a insultava. Negou as agressões e o processo foi arquivado.

Durante o seu julgamento por violência doméstica contra a filha, a

agressora remeteu-se ao silêncio, só tendo falado no final para dizer que, apesar de não o demonstrar, a situação lhe causara muito sofrimento.

Numa fase anterior do processo a economista assegurou, por escrito, que jamais tinha insultado, ofendido ou agredido física ou verbalmente as filhas, e que as imputações que lhe eram feitas de violência doméstica eram uma tentativa do pai para ficar com a guarda das crianças. A ter chamado “porca” à menor, acrescentava, tê-lo-ia feito, entre outros motivos, por ela ainda usar fraldas aos nove anos de idade. A tê-la apodado de cabra, teria sido por a menina gostar de dar saltos no sofá, alegou.

Quando a libou, no Verão passado, o Tribunal de Cascais fê-lo por não ter ficado provado, no entendimento dos juízes, em que circunstâncias ocorreram os factos. “Não é possível concluir que a arguida tenha excedido, o poder de correção/educação”, lê-se na sentença. Entendimento diferente teve, porém, a Relação de Lisboa, para a qual o pai das menores recorreu. Apesar de o Ministério Público ter pugnado também pela absolvição na primeira instância, a Relação concluiu recentemente que o Tribunal de Cascais se enganou: “De forma consciente e reiterada, a arguida colocou em risco (...) a saúde física e psíquica da sua filha menor – tornando-a vítima de um tratamento incompatível com a sua dignidade enquanto ser humano, conduzindo necessariamente à sua ‘degradação’ enquanto pessoa. Para isso contribuíram sobretudo as declarações para memória futura da vítima: ‘São de facto impressionantes, quer pela autenticidade quer ainda pelo facto de ressaltar o sofrimento ao descrever o comportamento da sua mãe para consigo e dizer: ‘Nunca pensei que ia ter uma mãe assim’.”

A economista foi condenada a uma pena suspensa de dois anos de prisão e ainda a pagar à menor cinco mil euros de indemnização por danos morais pedidos pelo progenitor.

abhenriques@publico.pt





Edição Lisboa • Ano XXVIII • n.º 9847 • 1,20€ • Terça-feira, 4 de Abril de 2017 • Director: David Dinis Adjuntos: Diogo Queiroz de Andrade, Tiago Luz Pedro, Vítor Costa Directora de Arte: Sónia Matos



Público

Futebol violento
Como é arbitrar um jogo do Canelas

Destaque, 2 a 5



Workshop
Crianças mergulham na escuridão para perceber o que é a cegueira

Sociedade, 14

Força de grupo
Estudar o peixe-zebra para perceber os comportamentos humanos

Ciência, 26

Polícias vendem e concessionam dezenas de edifícios históricos

Medida abrange GNR, PSP e Guarda Costeira. Ministério quer angariar receita para investimento nas forças de segurança. Há edifícios em praias e zonas históricas espalhados por todo o território **Política, 6/7**

Formação básica digital para 50 mil portugueses

Governo também quer a requalificação de 18 mil quadros superiores, para preparar o futuro **p12**

HOJE DVD
Francisco, o Padre Jorge
A vida do líder mais conciliador da Igreja Católica



Por +
9,99€



Pais e mães violentos
Só em 2016, foram detectadas 416 crianças vítimas de maus tratos **p10/11**

Djon Crazy, o artista que vai de Torres Vedras para o mundo

João Avelar criou um universo de paródia barroca para singrar na música **p31**

Terror na Rússia com bombas no metro de São Petersburgo

Metro volta a ser o alvo dos bombistas, forçando enorme caça ao homem **p22/23**



Provedora dos animais demite-se por falta de condições

É a segunda responsável a demitir-se. CML quer voltar a convidá-la **p17**

Misericórdias no capital do Montepio? 'É prematuríssimo'

Presidente da União das Misericórdias diz que o sector está descapitalizado **p18/19**

Violência doméstica: mais casos e mais complexos

RASI Houve, em 2016, mais 35 casos registados em Coimbra do que no ano anterior. Tendência de aumento é confirmada com os pedidos de ajuda feitos à APAV

Ana Margalho

Os casos de violência doméstica têm vindo a aumentar no distrito de Coimbra. De acordo com o Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) de 2016, com dados fornecidos pela PSP e GNR, houve 1.083 casos registados no ano passado, mais 35 do que em 2015 (quando foram registados 1.048 casos), o que significa que há 2,6 pessoas, em 1000 habitantes, que foram vítimas deste tipo de crime, no distrito.

A tendência de aumento revelada no RASI de 2016 é confirmada pela realidade dos pedidos de ajuda feitos, durante o ano de 2016, ao Gabinete de Apoio à Vítima da APAV, em Coimbra. De acordo com o relatório anual da APAV, houve, no ano passado 615 denúncias feitas naquele gabinete, 408 das quais relativas a vítimas residentes no distrito, representando estas 4,4% do todo nacional. Em 2015, foram 609 as denúncias e 364 as vítimas de Coimbra (3,8% dos casos a nível nacional).

«Os dados ainda não estão totalmente estruturados, mas houve, realmente, um aumento dos pedidos de apoio», confirma ao Diário de Coimbra Natália Cardoso, gestora do Gabinete de Apoio à Vítima da APAV, em Coimbra, adiantando que cerca de 90% dos casos são relacionados com violência doméstica, nomeadamente conjugal.



Mulheres continuam a ser as vítimas mais frequentes

O aumento dos casos é preocupante, mas a responsável acredita que este é o reflexo de o fenómeno ser mais visível e de as pessoas estarem mais sensibilizadas para ele. Prova disso, é o facto de se notar uma denúncia «mais precoce, à primeira ou segunda situação de violência», vinda de terceiros mas, na maioria dos casos, da própria vítima, que «se nota mais esclarecida e informada.

Preocupante é, por isso, para Natália Cardoso, «a maior

complexidade das situações que vão surgindo». «Deixaram de ser apenas casos relacionados com o alcoolismo, como há 15 ou 20 anos, embora ainda apareçam, para passarem a ser crimes de violência física, associada a violência psicológica, que são muito mais complicados de resolver», esclarece, sublinhando a dificuldade, não só em encontrar formas de ajudar as vítimas mas em provar a existência de crime.

«Há muitas situações em

Criminalidade violenta e grave aumentou

Além da violência doméstica, também na criminalidade violenta e grave participada houve um aumento de casos no distrito de Coimbra de 2015 para 2016.

De acordo com o RASI, recentemente apresentado, houve, no ano passado 382 casos de criminalidade violenta e grave participada às autoridades, mais 7 do que em 2015.

De realçar que a taxa de criminalidade geral diminuiu em Coimbra, tendo sido registados menos 831 casos (num total de 11.426) em 2016 do que no ano anterior. A.M.

que é necessário o recurso a instituições de abrigo, tendo em conta o nível de perseguição das vítimas», continua Natália Cardoso, realçando a importância das cerca de 40 Casas de Abrigo espalhadas por todo o país e que protegem as vítimas dos agressores enquanto não há uma decisão judicial.

Em cerca de 80% dos casos de violência doméstica registados pela APAV, em Coimbra, as vítimas são mulheres, mas está a aumentar a violência sobre os homens no seio conjugal. Também aqui, a responsável acredita que seja resultado de um maior esclarecimento e da «perda de vergonha em sinalizar os casos». «Há casos de violência física, mas a maioria das situações é de violência psicológica», continua Natália Cardoso, referindo-se ainda a um outro fenómeno que tem vindo detectar-se: o da violência mútua. «Há casos de violência geral, em que a vítima é também o agressor», diz, confirmando que, também aqui, há um aumento dos casos. ◀

Resposta da justiça nem sempre é a mais eficaz

O facto de a lei prever o estatuto de Vítima de Violência Doméstica tem feito com que seja «mais rápida a protecção social» dada pelas instituições. Natália Cardoso sublinha a criação das vagas de emergência para as Casas de Abrigo, o que tem feito com que «no próprio dia» a vítima veja garantida a sua protecção e o afastamento do agressor.

«Há uns anos, era preciso esperar uma semana e até um mês, em alguns casos», recorda a responsável, sublinhando «o elenco de medidas positivas» decorrentes da determinação do estatuto de Vítima de Violência Doméstica, mas assumindo que há ainda «muitas dificuldades», nomeadamente no campo da justiça. «Demora na aplicação das medidas de coac-

ção, nem sempre é eficaz, obrigando as vítimas a esperar algum tempo, às vezes muito tempo, para ter a sua situação resolvida», diz, falando ainda num fenómeno de «vitimização secundária», provocado pelo facto de, em paralelo com o processo de violência doméstica decorrer, muitas vezes, o de divórcio, que em nada favorece a segurança da vítima. A.M.

VILA FRANCA DE XIRA**APAV INAUGURA APOIO**

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima inaugurou, em Vila Franca de Xira, uma Unidade de Apoio à Vítima Migrante. O público-alvo desta valência são vítimas de violência imigrantes em Portugal.



ID: 68979879

06-04-2017

// Bragança

APAV recebeu 52 queixas de violência doméstica

O último relatório da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), relativo ao ano de 2016, aponta que o núcleo desta instituição, localizado em Vila Real, recebeu 307 queixas, das quais 52 são do distrito de Bragança, onde existe o núcleo de apoio à vítima da Associação de Socorros Mútos dos Artistas.

Em 2017, o distrito de Bragança tem já tem a lamentar uma vítima mortal. Uma mulher foi assassinada a tiro pelo marido em plena rua, em Macedo de Cavaleiros, a 13 de janeiro, quando no final de um dia de trabalho se dirigia para casa, localizada a escassos metros.

Só o ano passado, a APAV registou

um total de 9347 vítimas em todo o país, das quais 5226 são do sexo feminino, num ano em que 21 mulheres foram mortas pelos maridos/companheiros. Houve ainda 28 tentativas de homicídio.

Por dia uma média de 14 mulheres foram vítimas de violência doméstica no ano passado. Apesar de a vio-

lência contra idosos (1009) e homens (826) estar a aumentar, em mais de 81% dos casos as vítimas são as mulheres, com uma média de idades a rondar os 50 anos.

A APAV realizou 35.411 atendimentos verificando-se um aumento de 8,1% em relação ao ano de 2014.

■ Glória Lopes



ID: 69027449

10-04-2017

GONDOMAR

Tenta asfixiar mulher e acaba na cadeia

AGRESSOR Homem de 50 anos ficou em prisão preventiva

AURELIANA GOMES

Um homem, com cerca de 50 anos, foi detido, na sexta-feira à noite, pela GNR de Fânzeres, depois de ter tentado asfixiar a mulher, em S. Pedro da Cova, Gondomar. Tudo aconteceu, cerca das 21h30, quando o agressor, num quadro de violência doméstica, pontapeou a companheira e a tentou estrangular, provocando-lhe ferimentos em várias partes do corpo.

Os gritos da vítima, vindos de dentro de uma casa na rua Lindo Vale, alertaram os vizinhos,

PORMENORES

Tenta afogar mulher

O homem que tentou afogar a companheira num rio em Águeda ainda não foi localizado pela GNR. O caso ocorreu na sexta-feira, quando o agressor tentou matar a vítima, que não quis apresentar queixa. O caso está a ser investigado pelo Ministério Público.

14 agredidas por dia

Segundo o relatório anual da APAV, Associação de Apoio à Vítima, em 2016, foram agredidas 14 mulheres por dia, 100 por semana. Em relação a 2015, a APAV regista um pequeno decréscimo do número de vítimas.



Homem que quis matar a mulher por asfixia está agora em prisão preventiva

que chamaram a GNR. À chegada dos militares, o homem encontrava-se dentro da habitação com a vítima.

Já referenciado pelas autoridades noutros processos de violência, o agressor foi detido e

identificado. Presente, no sábado, ao Tribunal de Instrução Criminal do Porto, foi-lhe aplicada a medida de coação de prisão preventiva.

A vítima teve de receber tratamento hospitalar. ●

Associação de Apoio à Vítima anda há 15 anos a tentar vir para a Madeira mas constata “falta de vontade política”



“A ideia da APAV geminou face à constatação de que o delinvente e a vítima eram face de uma mesma moeda, em que, no “caras ou coroas” da vida, raramente a face da vítima ficava para cima”, esta declaração de Luís de Miranda Pereira, sócio fundador da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e presidente da instituição, desde que ela foi criada, em 25 de junho de 1990 e até 1997, procurava explicar, à época, o que era possível observar, na sociedade portuguesa, relativamente ao fenómeno. Entretanto, não mudou o que provavelmente se desejaria.

APAV com ação abrangente

A APAV tem uma ação abrangente, mas é na componente da violência doméstica que tem um papel relevante no apoio à vítima, em concertação com várias entidades e visando, como propósito subjacente à sua própria fundação, ver reconhecido os direitos da vítima e trabalhar com o objetivo de “atacar” o problema de forma eficaz, mudando atitudes e mentalidades.

Relativamente à situação que hoje podemos observar no todo nacional, o atual presidente da APAV, João Lázaro, diz que a instituição que dirige tem uma ação “muito mais lata e sociológica no âmbito da violência doméstica, abrangendo as situações de violência de género, do masculino para o feminino, de filhos para pais e sobre idosos”.

Visibilidade maior da violência doméstica é ganho da sociedade

No domínio da violência contra as mulheres considera que “a visibilidade do fenómeno é cada vez maior, o que é um grande ganho na sociedade portuguesa, além de ser uma realidade cada vez menos tolerada, por parte dos familiares, por parte dos amigos, que tentam alertar e ajudar as vítimas, sendo que elas próprias já têm menos tolerância”, situação que, segundo aquele responsável, explica um pouco o aumento do número de participações policiais, bem como os pedidos de apoio nas instituições, “alguns deles chegam inclusive primeiro do que propriamente a formalização das queixas nas polícias”.

Assiste-se a homicidas aplaudidos à entrada dos tribunais



"A visibilidade do fenómeno é cada vez maior, o que é um grande ganho na sociedade portuguesa, além de ser uma realidade cada vez menos tolerada" – Foto APAV

De acordo com os relatórios de Segurança Interna, conforme os anos, João Lázaro lembra que os mesmos "revelam que a violência doméstica situa-se no top5 das realidades criminais, o que é um sintoma da própria violência da sociedade". E apesar de se assistir a uma maior sensibilização, trata-se de um problema que exige "combate diário", até porque, como faz questão de referir, "ao mesmo tempo assiste-se a homicidas de vítimas de violência doméstica serem aclamados e aplaudidos à entrada dos tribunais, como aconteceu num passado recente. Isso demonstra a pertinência deste combate".

Violência sobre idosos é fenómeno envergonhado

No contexto de abrangência de intervenção da APAV, João Lázaro aponta um novo fenómeno dentro da violência doméstica, que não é abordado e que se prende com a violência sobre idosos. "É um fenómeno envergonhado e a sociedade não está preparada para os mecanismos de intervenção. Os dados conhecidos e o aumento que tem vindo a verificar-se, representam apenas uma pequena ponta o iceberg".

Sem representação na Madeira

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima não tem representação na Madeira, ao contrário do que ocorre nos Açores, situação que não deixa de suscitar alguma estranheza em função da realidade que falamos, da relevância que a associação tem no País e na experiência que detém neste domínio da violência doméstica, não só em que a vítima é a mulher, mas também nas restantes componentes, particularmente a que atrás foi referida de violência sobre idosos, constituindo dado novo e, por isso, a exigir intervenção, havendo registo recente, na Região, de um caso em que um filho é suspeito de ter assassinado a própria mãe.

João Lázaro revela ao Funchal Notícias desconhecer, em números, a realidade do fenómeno da violência doméstica na Madeira, uma vez que a organização apenas dispõe de dados relativos a áreas do País onde se encontra posicionada. Diz mesmo que "infelizmente não estamos na Madeira, apesar de termos desenvolvido, há pelo menos 15 anos, esforços nesse sentido, quer junto das autoridades regionais, quer junto das autoridades autárquicas, para colocar a Madeira, nomeadamente o Funchal, no mapa de intervenção da APAV, de uma forma qualificada e independente".

Linha de apoio à vítima

Diz mesmo que "a Madeira não teve vontade política para estabelecer uma parceria com a APAV, tendo em vista uma resposta mais qualificada do fenómeno da violência doméstica na Região. A APAV constata a falta de prioridade em acertar essa parceria, que além da violência contra as mulheres, possibilitaria apoio a vítimas de outros crimes, dada a abrangência de atuação que a associação proporciona. Temos uma linha de apoio à vítima (116006), acessível logicamente também aos madeirenses, cujo atendimento está centralizado nos Açores e onde as chamadas são recebidas, resolvendo-se no momento o que pode ser resolvido telefonicamente, que envolva emergência policial, mas depois não podemos dar a sequência que, por vezes, as situações exigem

Mais 8% de atendimentos em 2016

No que se prende com números, a APAV registou mais 8,1% de atendimentos entre 2014 e 2016, segundo o último relatório. E a realidade, em média de vítimas, nas diferentes componentes, é esta:

Idosos com mais de 65 anos: 1.009 – 3 por dia – 19 por semana

Crianças e jovens até 17 anos: 826 – 2 por dia – 16 por semana

Mulheres com mais de 18 anos: 5.226 – 14 por dia – 100 por semana

Homens com mais de 18 anos: 826 – 2 por dia – 16 por semana



CANTANHEDE

Bullying e violência no namoro em análise



“Bullying” e “Violência no namoro” foi o mote para três ações de sensibilização promovidas pela Rede de Bibliotecas de Cantanhede, em parceria com o Gabinete de Apoio à Vítima (APAV) de Coimbra, que decorreu do auditório deste equipamento cultural, a 31 de março.

As sessões foram direcionadas a alunos dos 7.º e 8.º anos de escolas do concelho.

Assistiram às sessões subordinadas ao tema “Bullying” mais de 200 alunos do 7.º ano, dos Agrupamentos de Escolas Marquês de Marialva, Cantanhede e Gândara Mar, Tocha.

À sessão sob a temática “Violência no namoro”, assistiram 136 alunos do 8.º ano, do Agrupamento Marquês de Marialva.

As sessões foram dinamizadas por técnicas deste serviço com especial destaque para Natália Cardoso, coordenadora do Gabinete de Apoio à Vítima (APAV) de Coimbra e contou com a presença de Pedro Cardoso, responsável pelo Pelouro da Educação e Ação Social.

Comportamentos violentos e abusivos. Nas ações sobre violência foi discutida a problemática dos comportamentos violentos e abusivos entre pares e entre namorados, com referência aos fatores que na adolescência potenciam estas práticas e a identificação de alguns sinais de alerta que podem ajudar a diagnosticar uma relação abusiva.

O vereador Pedro Cardoso, destacou “o trabalho importante e meritório da APAV no apoio às vítimas e na sensibilização da comunidade para estas problemáticas”.

Sublinhou ainda que “o Bullying e a violência no namoro, comportamentos violentos e abusivos, são inadmissíveis! Toda e qualquer violência, física ou psicológica, é um atentado à dignidade humana e com a qual não podemos pactuar. Ninguém pode ficar indiferente e/ou calado! São problemas demasiado sérios que afetam muitas pessoas. Não se trata de uma piada, uma brincadeira nem se quer é normal. Mas acreditamos que todos juntos, e estes jovens de forma especial,

fazemos a diferença!”, deixando assim um repto para uma atitude proativa e uma verdadeira cidadania participativa.

Recorrendo a esquemas simples e a filmes curtos e apelativos, Natália Cardoso estimulou alunos e professores a refletirem sobre as causas e que podem levar os conflitos amorosos ao uso da violência e a equacionarem formas de prevenção possíveis.

Trabalho da APAV. A Associação de Apoio à Vítima (APAV) tem como missão apoiar as vítimas de crime, suas famílias e amigos, prestando-lhe serviços de qualidade, gratuitos e confidenciais.

É uma organização sem fins lucrativos e de voluntariado, que apoia de forma qualificada e humanizada, vítimas de crimes através da sua Rede Nacional de Gabinetes de Apoio à Vítima e da sua Linha de Apoio à Vítima – 116 006 (dias úteis, das 9h às 19h).

A APAV presta ainda às vítimas, apoio emocional e apoio jurídico especializado e de forma gratuita e confidencial

Violência no namoro serviu de mote para sensibilizar alunos

Alerta A Rede de Bibliotecas de Cantanhede, em conjunto com a APAV, promoveu, também, acções sobre bullying



Os alunos das escolas do concelho ficaram a saber mais sobre a problemática dos comportamentos

Violência no namoro e bullying serviram de mote para três acções de sensibilização promovidas pela Rede de Bibliotecas de Cantanhede, em parceria com o Gabinete da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) de Coimbra, que decorreu no auditório deste equipamento cultural. As sessões foram direccionadas a alunos dos 7.º e 8.º anos de escolas do concelho de Cantanhede.

Assistiram às duas sessões sobre a temática do bullying, mais de 200 alunos do 7.º ano, dos Agrupamentos de Escolas Marquês de Marialva, de Cantanhede, e Gândara-Mar, da Tocha. À sessão sobre o tema da violência no namoro, assistiram 136 alunos do 8.º ano, pertencentes ao Agrupamento Marquês de Marialva.

As sessões foram dinamizadas por técnicas da APAV, com especial destaque para Natália Cardoso, coordenadora do Gabinete da APAV de Coimbra, e contaram com a presença de Pedro Cardoso, responsável pelo pelouro da Educação e Acção Social da

Câmara de Cantanhede.

Nas acções sobre violência foi discutida a problemática dos comportamentos violentos e abusivos entre pares e entre namorados, com referência aos factores, que, na adolescência, potenciam estas práticas e a identificação de alguns sinais de alerta que podem ajudar a diagnosticar uma relação abusiva.

“O bullying e a violência no namoro são inadmissíveis”, defendeu o vereador Pedro Cardoso

O vereador Pedro Cardoso destacou «o trabalho importante e meritório da APAV no apoio às vítimas e na sensibilização da comunidade para estas problemáticas», sublinhando, ainda, que «o bullying e a violência no namoro, comportamentos violentos e abusivos, são inadmissíveis».

«Toda e qualquer violência, física ou psicológica, é um atentado à dignidade humana e com a qual não podemos pactuar. Ninguém pode ficar

indiferente e/ou calado! São problemas demasiado sérios que afectam muitas pessoas. Não se trata de uma piada, uma brincadeira, nem sequer é normal. Acreditamos que todos juntos - e estes jovens de forma especial - fazemos a diferença», apelou o vereador.

Recorrendo a esquemas simples e a filmes curtos e apelativos, Natália Cardoso estimulou alunos e professores a reflectirem sobre as causas que podem levar aos conflitos amorosos e ao uso da violência e a equacionarem possíveis formas de prevenção.

A APAV tem como missão apoiar as vítimas de crime, as suas famílias e amigos, prestando-lhes serviços de qualidade, gratuitos e confidenciais. É uma organização sem fins lucrativos e de voluntariado, que apoia, de forma qualificada e humanizada, vítimas através da Rede Nacional de Gabinetes de Apoio à Vítima e da Linha de Apoio à Vítima - 116 006 (dias úteis, das 9h00 às 19h00).◀

APAV Açores

COORDENAÇÃO SÍLVIA BRANCO | EMAIL silviabranco@apav.pt



Stalking - o reconhecimento de uma “nova” forma de violência

Nota de Abertura

APAV Açores 10 Anos a Dar Voz ao Silêncio

Hoje celebra-se o dia nacional de sensibilização para o fenómeno de stalking, o qual sempre existiu no seio das relações e das sociedades humanas, como resultado de construções sociais acerca do amor romântico que sugeriam que comportamentos caracterizados pela obsessão e a loucura constituíam atos de amor ironicamente heroicos. Na realidade, o stalking apresenta-se como novo conceito para um velho comportamento.

Nos últimos anos, verificou-se em Portugal uma evolução significativa desde a invisibilidade do stalking até ao reconhecimento deste problema social e forma de violência, com a sua criminalização em Setembro de 2015 - crime de perseguição (154.º-A do C.Penal).

A APAV tem denotado um aumento dos pedidos de apoio por parte de vítimas de stalking, com um total de 411 processos de apoio no ano de 2016. As vítimas são maioritariamente adultos/as (69%), do sexo feminino (90%), com uma idade média de 41,6 anos de idade. Ao nível relacional entre vítima e stalker, na maioria das situações o stalking ocorre por parte de ex-companheiro/a (22,9%) ou ex-namorado/a da vítima (19,7%). *

“Comportamentos que tendem a escalar em frequência e intensidade, tornando-se em ações intimidatórias e perigosas”

O stalking é uma forma de violência definida como um padrão de comportamentos de assédio, através de diversas formas de comunicação, contacto, vigilância e monitorização persistente de uma pessoa em relação a outra, sem que esta os deseje e/ou consinta. Podem consistir em ações rotineiras e aparentemente inofensivas (ex. oferecer presentes, telefonar frequentemente). Contudo, a sua natureza continuada, dinâmica e múltipla, não permite defini-lo a partir de um comportamento isolado, mas por uma constelação de comportamentos que, prolongados no tempo, tendem a escalar em frequência e intensidade, tornando-se em ações inequivocamente intimidatórias e perigosas (ex. ameaçar, agredir verbal, física e/ou sexualmente).

Em Portugal, a criminalização do stalking ocorreu em 2015 e resultou da ratificação da Convenção de Istambul, Convenção do Conselho da Europa para a prevenção e o combate à violência contra as mulheres e a violência doméstica. Assim foi introduzido um aditamento ao Código Penal Português com vista à criação do novo tipo legal de crime de “Perseguição” (Artigo 154.º -



“Levar o Stalking a Sério”

A), integrado no elenco dos crimes contra a liberdade pessoal.

Quem é a vítima?

Qualquer pessoa, independentemente do sexo, orientação sexual, etnia, faixa etária ou classe social, pode ser vítima de stalking em algum momento da sua vida. As vítimas de ex-parceiros envolvem, maioritariamente, vítimas do sexo feminino, constituindo-se como o grupo mais vulnerável, não só pelo número de comportamentos de que são alvo, como pela sua duração, onde ocorrem com fre-

quência ameaças e agressões físicas. Já os homens são maioritariamente vítimas por parte de conhecidos ou amigos, sendo o objetivo estabelecer uma relação de intimidade, geralmente após um encontro casual.

Qual o impacto?

Cada vítima reage de forma diferente e o impacto pode estender-se a pessoas próximas da vítima (ex. familiares, parceiro/a íntimo/a). As consequências físicas podem incluir lesões físicas, distúrbios digestivos, alterações de apetite, insónias/ pesadelos. Dada a repetição e a imprevisibilidade dos comportamentos, é no plano da saúde mental e bem-estar psicológico que se denota um elevado impacto. As vítimas poderão manifestar sentimentos de medo, culpa, hipervigilância, desconfiança, abandono, desânimo, confusão, falta de controlo, sensação de perigo iminente, bem como perturbações de ansiedade, depressão e tentativas de suicídio.

Ao nível social, as vítimas veem-se muitas vezes confrontadas com a necessidade de alterar o seu estilo de vida, sentindo-se cada vez mais aterrorizadas e sem controlo. Poderá denotar-se a redução no rendimento/ produtividade profissional e/ou escolar e a tendência para o isolamento social, com evitamento e/ou abandono dos contactos e atividades sociais, existindo, por vezes, a necessidade de alteração das rotinas diárias, mudança de cidade, de residência e/ ou de emprego. *

Fundación Cepsa entrega 50 mil euros a quatro instituições



A Fundación Cepsa entregou no passado dia 16 de março, em Lisboa, os “Prémios ao Valor Social” de 2016, a quatro organizações não-governamentais (ONG) (na foto), que se distinguiram pelos seus projetos e que visam melhorar a qualidade de vida de

peças em situação de vulnerabilidade social. Os campos de intervenção social pelos quais, este ano, o donativo de 50 mil foi repartido, são o acompanhamento de mulheres e crianças por parte da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, a dedicação à doença de Alzheimer pela Mutualista Covilhanense, o acolhimento de pessoas refugiadas com o Conselho Português para os Refugiados, e finalmente a integração socioprofissional de pessoas com deficiência mental pela Associação Quinta Essência.

“Em Portugal os Prémios para o Valor Social já receberam mais de 450 projetos candidatos e já beneficiaram diretamente cerca de 40 associações o que representa mais de 350 mil euros destinados a ações sociais no âmbito destes prémios”, comentou Álvaro Díaz Bild, presidente da Cepsa Comercial Petróleo.

A edição de 2016 foi a primeira organizada no âmbito da Fundación Cepsa, que iniciou o seu caminho em setembro passado. A constituição da fundação foi formalizada para canalizar a ação social que a Cepsa desenvolve nos locais em que está presente e manifestar o firme compromisso de continuar a reforçar os “Prémios ao Valor Social”, assim como outras ações deste cariz. ■



REGIÃO & SOCIEDADE

PSP COMEMORA O 134º ANIVERSÁRIO A AJUDAR



POR JOANA RIBEIRO SANTOS



Toda a população de Vila Real pode juntar-se à festa e a uma boa causa.

A caminhada solidária PSP/APAV acontecerá, em Vila Real, no dia 22 de abril. Este é o terceiro ano em que a população vila realense tem a oportunidade de caminhar para ajudar.

A data da iniciativa surge no âmbito do 134º aniversário do Comando Distrital da Polícia de Segurança Pública de Vila Real e o objetivo é apelar à solidariedade dos cidadãos através da recolha de alimentos. Todos os participantes podem e devem entregar um alimento, que possa ser armazenado, nas instalações da Associação de Apoio à Vítima (APAV).

Esta caminhada destina-se a todas as classes etárias e não é de caráter competitivo. Tem início na Praça do Município (Av. Carvalho Araújo) às 9h e desenrolar-se-á na cidade de Vila Real.

As inscrições devem ser feitas via e-mail ou número telefónico da APAV.



METEO > VILA REAL

TERÇA-FEIRA 20° / 8°C QUARTA-FEIRA 24° / 12°C



ACONTECE
EM VILA REAL



Praça do Município (Av. Carvalho Araújo).

8 KM - Dificuldade Média/Baixa

CAMINHA SOLIDÁRIA PSP/APAV

22/04/2017 | 9:00H

INSCRIÇÕES

apav.vilareal@apav.pt ✉

259 375 521 ☎

Associação



NOSSO



DOURO
MEXE



UTAD





Cerveja artesanal com ambiente medieval na Escola de Hotelaria e Turismo



No próximo dia 3 de maio, às 18h00, a Escola de Hotelaria e Turismo de Coimbra acolhe o evento "Cerveja de Corpo e Alma", que promete fazer voltar os tempos áureos da cerveja artesanal portuguesa.

Como um espelho para tempos mais negros e mais reg(r)ados, a Cerveja de Corpo e Alma vem apostar na harmonização entre comida tradicional e cerveja artesanal. Com presenças confirmadas de vários produtores/marcas como a PRAXIS, Letra, Rapada, Luzia, Vitriol ou Vadia, este sarau procura dar o que de melhor se produz no reino da cerveja artesanal portuguesa.

Num ambiente medieval, a "magia" acontecerá, com degustação, animação e votação "escolha do público", precisando unicamente de 2 ingredientes secretos: a sua presença e vontade de aprender e experimentar o futuro "passado" da cerveja portuguesa.

O evento tem um carácter solidário, com as receitas a reverterem a favor da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

Cerveja de Corpo e Alma decorre na Escola de Hotelaria de Coimbra

●●● Irá realizar-se, no próximo dia 3 de maio, com início às 18H00, na Escola de Hotelaria e Turismo de Coimbra (EHTC), o Evento Cerveja de Corpo e Alma, que promete fazer voltar aos tempos áureos da cerveja artesanal.

Como um espelho para tempos mais negros e mais reg(r)ados, a Cerveja de Corpo e Alma vem apostar na harmonização entre comida tradicional e cerveja artesanal. Com presenças confirmadas de vários produtores e marcas, como a Letra, Rapada, Luzia, Vitriol ou Vadia, este sarau procura dar o que de melhor se produz no reino da cerveja artesanal portuguesa.

Num ambiente medieval, a



Evento realiza-se na Escola de Hotelaria

DR

“magia” mais uma vez acontecerá, com degustação, animação e votação “escolha do público”, precisando unicamente de dois ingredientes secretos: a presença e vontade de aprender e experimentar o futuro “passado” da cerveja portuguesa.

O evento tem um caráter solidário, com as receitas a reverterem a favor da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

O valor do jantar é de 15 euros e todos os interessados podem-se inscrever em <http://bit.ly/2o92jo8>. Para informações adicionais, os interessados podem contactar através do número 913 846 447 ou do e-mail cervejacorpoalma@gmail.com.



SOCIEDADE | 02-05-2017 10:32

APAV promove 5ª edição das Jornadas Contra a Violência

[partilha no Facebook](#) [partilha no Twitter](#) [partilha no Google+](#)

Evento realiza-se a 5 de Maio.

O Gabinete da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) de Santarém promove, na próxima sexta-feira, 5 de Maio, a quinta edição das Jornadas Contra a Violência, na Escola Superior de Saúde de Santarém. Depois de quatro edições bem sucedidas, esta edição das Jornadas contra a Violência volta a reunir vários especialistas e é dedicada ao debate de três temáticas centrais: violência de e contra crianças e jovens, cibercrime e violência e crime contra pessoas idosas.

A sessão de abertura está marcada para as 9h30 com as intervenções do presidente da APAV, João Lázaro, do presidente da Câmara de Santarém, Ricardo Gonçalves, e da directora da Escola Superior de Saúde de Santarém, Isabel Barroso da Silva.

Segue-se, pelas 10h00, o primeiro painel intitulado "Violência de e contra crianças e jovens" com as intervenções da psicóloga clínica, terapeuta familiar, investigadora e formadora, Neusa Patuleia, da técnica superior de educação social, Cátia Vaz, e da psicóloga e investigadora do CINEICC (Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental), Diana Silva.

Depois de almoço, o programa continua, pelas 14h00, com o segundo painel com tema "Cibercrime" levado a cabo pelo magistrado e coordenador do Gabinete de Cibercrime da Procuradoria-Geral da República, Pedro Verdelho, pelo assessor técnico da direcção da APAV, Frederico Moyano Marques, e por Pedro Marques, do Centro de Internet Segura - Fundação para a Ciência e Tecnologia.

O terceiro e último painel sobre "Violência e crime contra pessoas idosas" inicia-se pelas 16h10 e conta com as intervenções da professora, médica e directora do Departamento de Medicina Legal e Ciências Forenses da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Teresa Magalhães, da jurista da Federação das Instituições de Terceira Idade, Michelle Lopes e da guarda principal da GNR (Guarda Nacional Republicana) e investigadora do NIAVE (Núcleo de Investigação e de Apoio a Vítimas Específicas do Comando Territorial de Santarém), Catarina Martins.

As inscrições são gratuitas para estudantes da Escola Superior de Saúde de Santarém e podem ser efectuadas previamente em no siteapav.pt/jomadassantarem



- Como Chegar
- O que Visitar
- Onde Comer
- Onde Dormir
- A Gastronomia
- O Artesanato
- Agenda de Eventos**
- Mapa Turístico
- Multimédia
- APP Santarém
- BIKS (Partilha de Bicicletas)



NOTÍCIAS
Taça dos Campeões Europeus chega a Santarém
O camião do Tour Campeões Europeus chega a Santarém no próximo dia 7 de maio, no Jardim da Liberdade. Entre as 11h00 às 20h00, os adeptos...

Agenda



f 9911 SEGUIR

12:00

V JORNADAS CONTRA A VIOLÊNCIA

EVENTOS



Data: 2017-05-05 09:00 - 18:30
Local: Escola superior de Saúde de Santarém

O Gabinete de Apoio à Víctima - Santarém promove no dia 5 de Maio as V Jornadas Contra a Violência, na Escola Superior de Saúde de Santarém.

Depois de quatro edições bem-sucedidas, a quinta edição das Jornadas contra a Violência volta a reunir vários especialistas. Desta vez o evento é dedicado ao debate de três temáticas centrais: Violência de e contra crianças e jovens, Cibercrime e Violência a crime contra pessoas idosas.

Info & Contactos:

Gabinete de Apoio à Víctima de Santarém - Ex-Escola Prática de Cavalaria, Largo Infante Santo - 2009-002 - Santarém
243 356 505
apav.santarém@apav.pt

Estudantes da Escola Superior de Saúde de Santarém: Inscrição gratuita e limitada aos lugares disponíveis, mediante inscrição prévia aqui: <http://apav.pt/jornadassantarém/index.php/inscricao-de-estudantes>

Inscrições: <http://apav.pt/jornadassantarém/index.php/inscricoes>

Local: Escola Superior de Saúde de Santarém - Quinta do Mergulhão, Senhora Guia - 2005-075 Santarém

Programa:

9h00 Abertura do secretariado - 9h30 Sessão de abertura - João Lázaro | Presidente da APAV - Ricardo Gonçalves | Presidente da Câmara Municipal de Santarém - Isabel Barroso da Silva | Directora da Escola Superior de Saúde de Santarém

10h00 I Painel - Violência de e contra crianças e jovens - moderador: Paula Borralho | Presidente da Comissão de Protecção Crianças e Jovens de Santarém

10h10 Neusa Potufela | Psicóloga clínica, Terapeuta familiar, Investigadora e Formadora "Violência filio-parental - Filhos que intimidam os pais para obter o que querem"

10h40 Cátia Vaz | Técnica superior de educação social "A brincar e a rir o bullying vamos prevenir"

11h10 Coffe-Break

11h25 César Santos | Coordenador do Gabinete Médico-legal e Forense do Médio Tejo "Aspectos médico-legais da violência contra crianças e menores"

11h55 Diana Silva | Psicóloga e Investigadora do CINEICC - Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental "Menores agressores e psicopatia infantil e juvenil"

12h25 Debate

12h40 Almoço

14h00 II Painel - Cibercrime - moderador: Paulo Morgado de Carvalho | Procurador Coordenador do Tribunal da Comarca de Santarém

14h10 Pedro Verdelho | Magistrado e Coordenador do Gabinete de Cibercrime da Procuradoria-Geral da República "Cibercrime: o quadro legal português"

14h40 Pedro Marques | Gestor de Recursos do Centro de Internet Segura - Fundação para a Ciência e Tecnologia "O Centro Internet Segura"

15h10 Frederico Moyano Marques | Assessor Técnico da Direcção da APAV "Prevenção, informação e apoio a vítima de furto de identidade online"

15h40 Debate

15h55 Coffe-break

16h10 III Painel - Violência e crime contra pessoas idosas - moderadora: Susana Pita Soares | Vereadora da Acção Social da Câmara Municipal de Santarém



MINISTÉRIO PÚBLICO
PORTUGAL
EM DEFESA DA LEGALIDADE E DEMOCRÁTICA

[Ministério Público](#)

[Procuradoria-Geral
da República](#)

[MP no país](#)

[O que fazemos](#)

PROCURADORIA DA COMARCA
SANTARÉM

[Início](#) » [Divulgação](#) » [APAV - V Jornadas contra a Violência](#)

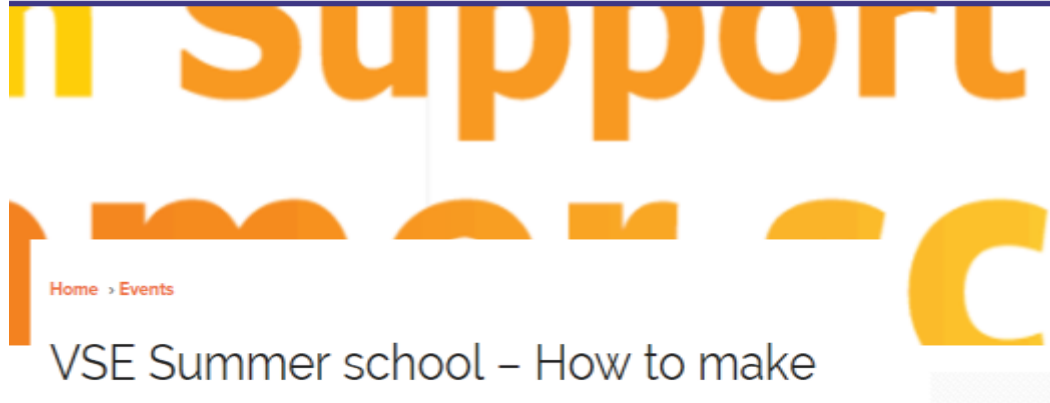
APAV - V JORNADAS CONTRA A VIOLÊNCIA

2 maio 2017

Em Santarém, no dia 5 de maio realizam-se as V Jornadas contra a Violência, organizadas pelo Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) de Santarém da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

[Ver Programa e Inscrições](#)





[Home](#) > [Events](#)

VSE Summer school – How to make EU Victim’s Directive happen in your country

29 MAY 2017 | PAID

For the first time we have the honour to invite you to the **Victim Support Europe Summer School!** From **29th of May till the 2nd of June** Victim Support Europe, in partnership with [INTERVICT](#), is offering a four day training programme on the EU Victims’ Rights and Advocacy. The Training will take place in **Peniche, Portugal**.

The Summer school is titled **“EU Victim’s Directive: how to make it happen in your country”** and will support participants in developing the necessary skills and knowledge on advocating for victims’ rights and services. This topic was selected based on a training needs assessment that was carried out with victim support organisations across Europe last year.

This Summer School takes participants on a journey where skills and knowledge on Advocacy and Lobbying are acquired and directly practiced and applied using the Victims’ Rights Directive and other rights related to victims.

For this summer school we are especially looking at **Policy officers and Professionals working on victims’ Issues** that want to become part of a new generation of Victim Advocates around Europe. Participants with a professional, research or educational background on victims’ issues are warmly welcomed.

The participants selected will be of a wide array of European countries to enable knowledge sharing from different perspectives and backgrounds. Of all the applicants, **20 participants** from across Europe will be selected to partake in the first VSE Summer School! [Register](#) soon to ensure you have a place!

After the summer school participants will become part of a Victim Advocate community linked to Victim Support Europe where they are informed about developments, invited to share knowledge and expertise as well as be informed on work and opportunities related to victim issues around Europe.

Find out more about the Summer school on the [Summer School website](#) and do not hesitate to contact me if you have any additional questions. We are looking forward to welcoming you there!



Victimology society of Serbia

(VDS) is a not-for-profit, non-governmental organization, founded in 1997, whose aim is to unite as many academics and professionals as possible who are interested in on the development of victimology and protection of victims of crime, human rights violations and war, regardless of their gender, religion, ethnicity and other features. Victimology Society's work is organized around three main groups of activities: VDS info and support to victims, VDS research and education and VDS Truth and reconciliation program.

About us

Calendar of relevant events

Annual conference 2017
Victim support Europe
Victims of crime: Rights, needs & responses
17 and 18 May 2017
Dublin, Ireland
www.vse2017.eu

XXXIII Postgraduate course on Victimology,
Victim Assistance & Criminal Justice
Dubrovnik, Croatia 22 May-3 Jun 2017
Proudly held in cooperation with the
World Society of Victimology (WSV)
22 May – 3 June 2017
Inter-University Centre, Dubrovnik, Croatia.
To read more see: **XXXIII Victimology
Course Dubrovnik, Croatia – Course Flyer
– 2017**

The Victim Support Europe Summer School
29th of May till the 2nd of June
Peniche, Portugal.
"EU Victim's Directive: how to make it
happen in your country"
Find out more about the Summer school on
the Summer School website:
www.apav.pt/summerschool/